

A INTERFACE MORFOLOGIA-SINTAXE: UMA PROPOSTA DE ESTRUTURA PARA AS NOMINALIZAÇÕES INFINITIVAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

THE SYNTAX-MORPHOLOGY INTERFACE: A STRUCTURE FOR INFINITIVE NOMINALIZATIONS IN BRAZILIAN PORTUGUESE

Dalila Maria de Souza¹

Paula Roberta Gabbai Armelin²

RESUMO

Este trabalho investiga o fenômeno de nominalização das formas infinitivas no português brasileiro (*cantar – o cantar*). Assumimos, a partir da perspectiva sintática de formação de palavras desenvolvida na Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997), que as propriedades do infinitivo nominal podem ser explicadas através da combinação dos diferentes núcleos funcionais presentes na sua estrutura sintática. A questão de base deste trabalho é, então, especificar quais são esses núcleos e em que sequência hierárquica eles são organizados na sintaxe. Para tanto, descrevemos as propriedades empíricas dos infinitivos nominais do PB e propomos que eles funcionam como os Nominais de Evento Complexo, na tipologia de Grimshaw (1990). A partir desse comportamento, argumentamos em favor da existência de três núcleos de natureza verbal na constituição do infinitivo nominal: (i) o categorizador *v*, responsável pela categoria verbal da base, pela leitura de evento e pela introdução do argumento interno; (ii) o núcleo *Voice* (KRATZER, 1996), responsável pela introdução do argumento externo e (iii) um núcleo de aspecto, que traz a leitura imperfectiva e abriga a morfologia de infinitivo. Essa sequência funcional está abaixo de núcleos de natureza nominal: o categorizador *n* e o núcleo *D*, responsáveis pelas propriedades nominais da formação. Essa estrutura sintática é capaz de abarcar as propriedades empíricas do infinitivo nominal, além de revelar uma forte interação entre morfologia e sintaxe, uma vez que os argumentos presentes na estrutura são inseridos antes mesmo que a forma nominal esteja efetivamente formada na sintaxe. Por fim, argumentamos que esses infinitivos nominais constituem uma importante evidência (contra GRIMSHAW, 1990; ALEXIADOU, 2001) de que nominalizações zero podem ter estrutura argumental obrigatória.

PALAVRAS-CHAVE: Nominalização. Infinitivo. Categoria. Estrutura argumental.

ABSTRACT

This work investigates the nominalization of infinitive forms in Brazilian Portuguese. We assume, based on the Distributed Morphology framework (HALLE and MARANTZ 1993; MARANTZ, 1997), that the properties of the nominal infinitive may be explained through the combination of different functional heads in its syntactic structure. The main question we address in this work is to specify each of these heads and the hierarchical sequence in which they are organized. In order to do so, we describe the empirical properties of the nominal infinitives of PB and propose that they function as Complex Event Nominals, in the typology of Grimshaw

¹ Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Programa de Pós-Graduação em Linguística, dalila.masouza@gmail.com, . <https://orcid.org/0000-0002-2006-076X>.

² Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Programa de Pós-Graduação em Linguística, armelin.paula@ufjf.br, <https://orcid.org/0000-0003-4751-2831>.

Agradecemos aos pareceristas anônimos pelas importantes contribuições. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

(1990). Based on this behavior, we argue in favor of the existence of three heads of a verbal nature in the constitution of the nominal infinitive: (i) the categorizer *v*, responsible for the verbal category of the base, for the event reading and for the introduction of the internal argument; (ii) the Voice head (KRATZER, 1996), responsible for introducing the external argument and (iii) an aspectual head, which brings the imperfective reading and hosts the infinitive morphology. This functional sequence is below nominal heads: the categorizer *n* and *D*, responsible for the nominal properties of the formation. This syntactic structure can account for the empirical properties of the nominal infinitive, besides revealing a strong interaction between morphology and syntax, since the arguments present in the structure are inserted even before the nominal form is effectively formed in the syntax. Finally, we argue that these nominal infinitives constitute important evidence (against GRIMSHAW, 1990; ALEXIADOU, 2001) that zero nominalizations may have obligatory argument structure. **KEYWORDS:** Nominalization. Infinitive. Category. Argument structure.

Introdução

Este trabalho se insere no âmbito dos estudos que investigam a interface entre morfologia e sintaxe, tomando como o fenômeno empírico o processo de formação de nomes a partir de formas infinitivas no português brasileiro, doravante PB, tais como em (1a-b) abaixo:

- (1) a. O cantar dos pássaros durante as manhãs alegrava os moradores.
b. O corrigir das provas (pelos professores) adiantou o andamento dos trabalhos.

Este recorte se justifica diante de três importantes características salientes desse tipo de formação: (i) seu potencial de produtividade, uma vez que, basicamente, qualquer verbo na forma infinitiva pode ser nominalizado pela anteposição de um determinante; (ii) sua previsibilidade semântica, já que a interpretação das nominalizações infinitivas é bastante previsível a partir do verbo de base e (iii) a manutenção da estrutura argumental do verbo de base, considerando que as nominalizações infinitivas parecem preservar a estrutura argumental do verbo de base, o que abre perspectivas interessantes a respeito das relações entre categoria, formação de palavras e estrutura argumental. É importante ressaltar que as nominalizações formadas a partir de verbos na forma infinitiva não se limitam apenas ao tipo de nominalização infinitiva a ser tratada neste trabalho. Na verdade, vários autores, como Miguel (1996), Vázquez (2002), Brito (2012, 2013), Resende (2020) já apontaram para a existência de diversos subtipos de infinitivos nominais em diversas línguas com características particulares. No PB, por exemplo, podemos ver nos dados (2), nominalizações infinitivas que apresentam propriedades distintas umas das outras, como por exemplo a possibilidade de serem pluralizadas e a introdução por diferentes tipos de determinantes.

- (2) a. O andar mais alto do prédio pegou fogo.
b. Os cantares nordestinos são o foco de uma importante pesquisa linguística.
c. Ao comprar uma nova casa, toda a família comemorou.
d. O comer doces estraga os dentes.

Em (2a), por exemplo, encontramos o que é conhecido na literatura como infinitivo lexicalizado³,

³ É importante ressaltar, no entanto, que o termo “lexicalizado” não tem estatuto teórico no quadro da Morfologia Distribuída e que o estamos empregando aqui com caráter meramente descritivo. Além disso, em (2a), como não há leitura de evento, uma discussão interessante diz respeito à existência ou não de uma camada verbal nessa formação.

ou seja, um tipo de infinitivo cristalizado que até já se distanciou do significado verbal da base. Em (2b), por sua vez, temos uma ocorrência em que a forma infinitiva está pluralizada, realização que parece ter algumas restrições de ocorrência que escapam, no entanto, do âmbito de sistematização deste trabalho⁴. Já em (2c), ressaltamos o fato de que a forma nominalizada aparece antecedida não simplesmente por um determinante, mas ocorre como parte de um sintagma preposicional. Por fim, em (2d), temos uma forma de infinitivo nominal que se realiza com um complemento não preposicionado, sugerindo que ‘doces’ receba caso acusativo⁵. Dessa forma, o paradigma em (2), apesar de não exaustivo, parece ser ilustrativo da diversidade de ocorrências e propriedades que as nominalizações infinitivas parecem apresentar no PB. Assim, é necessário que façamos um recorte de escopo no objeto de estudo deste artigo. Mais especificamente, então, a análise desenvolvida neste trabalho se debruça sobre o conjunto de nominalizações infinitivas que apresentam que seguem o padrão em (1) e cujo comportamento empírico é descrito na próxima seção.

Em um panorama mais amplo, a nominalização infinitiva está inserida no contexto do processo de formação de palavras denominado Conversão Morfológica⁶, que se caracteriza pelo fato de uma forma linguística poder ser classificada em diferentes categorias sem sofrer qualquer alteração morfológica (DON, 1993; BAUER; VARELA, 2005; VILALVA, 2013). Consideramos que a existência de um fenômeno linguístico desse tipo constitui uma importante evidência empírica em favor da hipótese de que a categoria é resultado não de uma especificação lexical, mas da organização dos morfemas no interior da palavra e do ambiente sintático propriamente dito em que essa formação se encontra, podendo, dessa forma, ser mais bem analisada sob a ótica de um modelo teórico que possibilita a interação entre a estrutura da palavra e a estrutura da sentença.

Nessa linha de raciocínio, apoiamo-nos, ao longo deste trabalho, em uma perspectiva sintática de formação de palavras, a Morfologia Distribuída, (HALLE; MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997 e muitos trabalhos subsequentes), doravante MD, que propõe que palavras, sintagmas e sentenças são construídos no mesmo componente, a sintaxe. Tal quadro se mostra especificamente apropriado para a análise dos infinitivos nominais, uma vez que as tradicionais categorias lexicais, tais como verbo e nome, por exemplo, não têm estatuto de primitivo dentro do modelo. Dessa mesma forma, a MD desponta como um modelo interessante para a análise do infinitivo nominal, uma vez que possibilita uma interface transparente e direta entre a formação de palavras e sentenças.

A partir desse modelo teórico, propomos que o comportamento empírico do infinitivo nominal do PB pode ser explicado através da combinação dos diferentes núcleos funcionais presentes na sua estrutura sintática. A questão de base deste trabalho é, então, especificar quais são esses núcleos e em que sequência hierárquica eles são organizados na sintaxe. Na implementação da proposta,

⁴ Para uma discussão mais detalhada sobre a possibilidade de pluralizar em nominalizações com estrutura argumental, indicamos ao leitor Alexiadou, Iordăchioaia e Soare (2009).

⁵ Como observado por parecerista anônimo, em (2d), não parece ser possível utilizar um clítico acusativo no lugar de ‘doces’ (*O comê-los estraga os dentes), ao passo que a ocorrência de um clítico da mesma natureza em (2c) é possível, o que pode sugerir a ocorrência de um caso *default* em (2d).

⁶ Para maiores discussões sobre a natureza do fenômeno de Conversão Morfológica, ver Souza e Armelin (2018).

argumentamos em favor da existência de três núcleos de natureza verbal na constituição do infinitivo nominal, a saber, o categorizador *v*, o núcleo *Voice* (KRATZER, 1996) e o núcleo de aspecto. Essa sequência funcional, no entanto, está abaixo de núcleos funcionais de natureza nominal, a saber, o categorizador *n* e o núcleo *D*. Propomos, então, que essa estrutura sintática é capaz de explicar as propriedades empíricas do infinitivo nominal, revelando uma forte interação entre morfologia e sintaxe, uma vez que os argumentos presentes na estrutura são inseridos antes mesmo que a forma nominal esteja efetivamente formada na sintaxe.

Para tanto, este trabalho está dividido da seguinte maneira: na seção 1, descrevemos as propriedades empíricas que delimitam o comportamento do infinitivo nominal analisado neste trabalho. Na seção 2, discutimos algumas propostas existentes na literatura para tratar dos infinitivos nominais, dentre as quais Miguel (1996) para o espanhol, Vázquez (2002) para espanhol e italiano, Brito (2013) que trata dos infinitivos nominais no português europeu e, sobre os infinitivos nominais no português brasileiro, Resende (2020). Na seção 3, por sua vez, apresentamos, brevemente, o modelo da MD, adotado como panorama teórico no âmbito desta pesquisa. Já na seção 4, elaboramos nossas hipóteses teóricas para tratar do infinitivo nominal no PB e desenvolvemos nossa proposta sintática para essas formações. Por fim, a seção 5 encerra o artigo com as considerações finais.

1. O Infinitivo Nominal no PB: propriedades empíricas

Esta seção tem como objetivo central descrever e sistematizar as características empíricas do infinitivo nominal no PB contemplados no recorte deste artigo. Como ponto de partida, é interessante ressaltar que o comportamento que Grimshaw (1990) atribui aos Nominais de Evento Complexo parece ser encontrado também no funcionamento das nominalizações infinitivas do PB.

Dessa forma, Grimshaw (1990) propõe uma tripartição que divide os nominais nas seguintes classes: Nominais de Evento Complexo (*Complex Event Nominals*), Nominais de Evento Simples (*Simple Event Nominals*) e Nominais de Resultado (*Result Nominals*). A partir dessa divisão, na tipologia da autora, o contraste mais claro e central coloca de um lado os Nominais de Evento Complexo, que tomam argumentos obrigatoriamente e possuem uma estrutura de evento a eles associada que deve ser totalmente satisfeita e, de outro, os Nominais de Evento Simples e de Resultado, que não possuem estrutura argumental nem estrutura eventiva. Mais especificamente, os infinitivos nominais no PB denotam evento e, assim como o verbo de base, precisam de uma estrutura de argumentos que os completem. É importante notar ainda que tais formações não são ambíguas entre leitura de evento e de resultado de evento.

- (3) a. *O corrigir terminou ontem.
- b. *O corrigir das provas está sobre a mesa.
- c. O corrigir das provas terminou ontem.

Dessa maneira, é possível dizer que o dado em (3a) é agramatical porque a estrutura argumental da forma infinitiva não está satisfeita. Em (3b), por sua vez, o argumento interno está presente na estrutura, no entanto, a agramaticalidade ainda prevalece, uma vez que os nominais infinitivos não licenciam a leitura de resultado de evento. Por outro lado, a gramaticalidade de (3c) parece estar atrelada a três pontos centrais que definem os Nominais de Evento Complexo: (i) a leitura de evento que acompanha a nominalização; (ii) a presença do argumento interno exigido pelo verbo de base e (iii) a conceitualização de um argumento externo que, embora não explicitamente especificado, é conceitualmente interpretado.

Além disso, uma das propriedades mais salientes do infinitivo nominal do PB é a sua produtividade. Essas formações parecem se configurar como um processo produtivo, no sentido não do uso propriamente dito, mas da potencialidade da formação. O infinitivo nominal do PB pode, então, ser formado a partir de verbos de variadas estruturas argumentais, como inergativos, inacusativos, transitivos e bitransitivos, por exemplo.

- (4)
- a. O dançar da bailarina foi a melhor performance do show de talentos.
 - b. O nascer da filha mais nova uniu toda a família
 - c. O atropelar de inocentes por motoristas embriagados é crime nesse estado.
 - d. O doar dos livros pelo herdeiro para a biblioteca enriqueceu o acervo da universidade.

Além disso, a interpretação do infinitivo nominal é bastante previsível, de modo que o significado associado ao verbo de base é mantido, sem que qualquer leitura não composicional ou arbitrária possa ser atrelada ao infinitivo nominal. Com isso em mente, comparemos, por exemplo, as formas verbais e nominais nos exemplos abaixo:

- (5)
- a. O João comprou a casa da fazenda.
 - b. O comprar da casa da fazenda pelo João.
 - c. A Maria chorou desesperadamente.
 - d. O chorar desesperado da Maria.

Outra propriedade importante é a possibilidade do infinitivo nominal ser antecedido por diferentes tipos de determinantes, tais como artigo definido, artigo indefinido ou pronome demonstrativo, por exemplo. Nesse mesmo sentido, é interessante notar que o infinitivo nominal do PB pode ainda ser introduzido por um pronome possessivo.

- (6)
- a. O cantar alegre dos pássaros nas manhãs anuncia o verão.
 - b. Esse cantar alegre dos pássaros nas manhãs anuncia o verão.
 - c. Um cantar desafinado dos pássaros nas manhãs anuncia o verão.
 - d. Seu comprar desenfreado de coisas inúteis levou a família à falência.

Embora uma análise dos possessivos esteja fora do escopo deste artigo, podemos notar que a presença de um possessivo antecedendo o infinitivo é suficiente para definir o caráter nominal da formação, ou seja, na presença da forma de possessivo, o determinante se torna opcional, podendo ou não ser realizado, tal como acontece com nomes sem camadas verbais no PB: *(o) seu filho*.

É ainda uma propriedade recorrente dos nominais de evento complexo, e também dos infinitivos nominais, o fato de que tais formações não podem ser pluralizadas⁷, diferentemente do que se espera de formações que pertencem à categoria dos nomes.

- (7) a. *Os estudares para a prova.
 b. *Os plantares de soja
 c. *Os venderes de imóveis

Nessa mesma linha de raciocínio, as nominalizações de infinitivo que nos interessam neste trabalho parecem não aceitar a flexão de número e pessoa que é licenciada, por exemplo, nos infinitivos flexionados.

- (8) a. *O sairmos de casa cedo para o trabalho nos deixa mais distantes.
 b. *O comerem de gorduras é o principal agravante dos níveis de obesidade.

Quanto às possibilidades de modificação, propriedade importante também na descrição de Grimshaw (1990), temos que o infinitivo nominal do PB parece poder ser modificado tanto por adjetivos quanto por advérbios:

- (9) a. O belo cantar dos pássaros alegres [...]
 b. O vencer heroico dos atletas traz esperança de um futuro melhor
 c. O conversar pausadamente da babá tranquilizou o choro do bebê.
 d. O corrigir das provas cuidadosamente pelo professor [...]

Além disso, é possível também modificar o infinitivo nominal do PB com uma negação, o que tem sido apontado na literatura como um diagnóstico relevante para detectar camadas verbais na estrutura das nominalizações:

- (10) a. O não ensaiar do coral foi a causa do evento ter sido um desastre
 b. O não estudar para as provas fez com que o João reprovasse outra vez.
 c. O não quitar das dívidas foi o que faliu a empresa do Pedro.

No que diz respeito à estrutura argumental, como previsto por Grimshaw (1990) em relação aos nominais de evento complexo, os nominais infinitivos parecem estar atrelados à realização dos argumentos que são previstos na estrutura do verbo de base.

⁷ Como apontamos em (2b), é importante reconhecer que alguns infinitivos nominais podem ser pluralizados, enquanto outros, como em (7a-c) não aceitam a pluralização. O estabelecimento dos limites desse licenciamento é um tema importante de pesquisa que será abordado em desenvolvimentos futuros.

- (11) a. O doar dos livros pelo herdeiro para a biblioteca enriqueceu o acervo da universidade.
b. O correr da maratona pelo atleta olímpico deixou os habitantes orgulhosos.

É possível notar, ainda que, quando o verbo apresenta somente um argumento, seja ele interno, como no caso dos inacusativos, ou externo, como no caso dos inergativos, esse argumento parecer ser obrigatório na nominalização infinitiva.

- (12) a. O dançar da bailarina emocionou os espectadores do teatro.
b. *O dançar emocionou os espectadores do teatro.
c. O cantar dos pássaros anuncia o verão.
d. *O cantar anuncia o verão.

Por outro lado, quando o verbo possui dois ou mais argumentos somente o argumento interno parece ser obrigatoriamente explicitado, sendo que o externo, por sua vez, pode ser explicitado ou não na formação, muito próximo ao que ocorre, por exemplo, na formação das sentenças passivas. No entanto, é importante atentarmos para o fato de que mesmo que o infinitivo nominal ocorra sem a explicitação do argumento externo, se o verbo de base for agentivo, um agente é conceitualmente interpretado na estrutura, mesmo que ele não estando realizado ou especificado na forma de superfície.

Da mesma forma, se o argumento externo é o único elemento presente na estrutura argumental, ele é introduzido pela preposição funcional *de*, reflexo da marcação de caso. Quando, no entanto, o argumento interno está presente, o agente passa a ser introduzido pela preposição *por*, sendo que o argumento interno, por sua vez, parece vir sempre marcado com a preposição *de*:

- (13) a. O plantar de soja pelos grandes produtores desterroou os pequenos produtores.
b. O comprar da casa pela família alegrou os filhos mais novos.
c. O cantar dos pássaros/*pelos pássaros espanta os fantasmas da alma.
d. O dançar da bailarina/*pela bailarina foi em prol da causa animal na cidade.

Mais especificamente, quando se olha para a marcação de caso do argumento que ocorre junto ao infinitivo nominal, é possível observar que tal formação não pode tomar um elemento com caso nominativo como seu argumento, tal como exemplificado nos dados abaixo:

- (14) a. *O cantar ela na abertura do show vai animar o público.
b. O cantar da Maria na abertura do show vai animar o público.
c. *O discursar ele na feira foi prolixo e desconexo.
d. O discursar dele na feira irritou foi prolixo e desconexo.

Por fim, o infinitivo nominal não parece estar atrelado a qualquer noção de tempo no sentido de que a propriedade temporal da sentença poderá ser definida, tanto pela especificação de tempo da sentença, que está morfologicamente expressa como um afixo verbal, como por modificadores temporais ao núcleo T da sentença.

- (15) a. O plantar de soja empobrece o solo.
 b. O dançar da bailarina ontem emocionou a todos.
 c. O discursar do ministro amanhã tratará de jurisprudência.

O conjunto de propriedades elencadas nesta seção servirá como base para a construção de uma análise sintática para a nominalização infinitiva no PB, conforme objetivamos neste trabalho. Antes, porém, colocamos em discussão, na seção seguinte, algumas das propostas já existentes na literatura que se debruçou sobre o tema.

2. Perspectivas de análise para o infinitivo nominal

Privilegiando o escopo sintático estabelecido como linha teórica deste trabalho, optamos, nesta seção, por fazer um recorte que contempla essencialmente propostas nessa mesma linha de análise. Esse recorte nos possibilita um diálogo mais robusto, fornecendo um ponto estável de comparação para a proposta que será desenvolvida neste artigo. Mais especificamente, serão apresentadas as análises de Miguel (1996) para o espanhol, Brito (2012, 2013) para os casos de nominalização infinitiva em português europeu e Resende (2020) para os dados do PB.

Miguel (1996) trata das distinções entre dois tipos de estruturas infinitivas introduzidas por determinante em espanhol. Os dados abaixo, reportados em Miguel (1996, p. 29) e retirados de obras de Cervantes, ilustram o contraste entre os dois tipos de formação:

- (16) a. *El decirlo tu y entenderlo yo me causa nueva admiración.*
 O dizer o(acus) tu(nom) e entender o(acus) eu(nom) me causa nova surpresa
- b. *El sosiego, ..., la serenidad de los cielos, el murmurar de las fuentes [...]*
 O sossego, ..., a serenidade de os céus, o murmurar de as fontes [...]

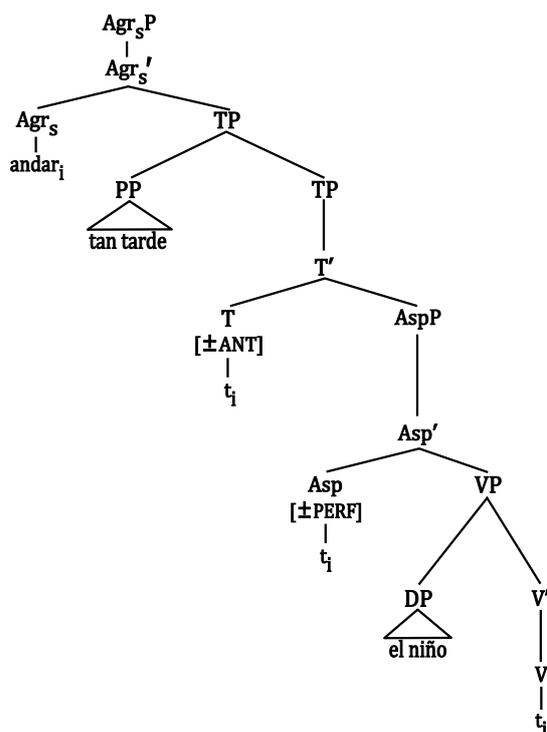
Tanto (16a) como (16b) consistem na seguinte estruturação: um infinitivo (*decir* e *murmurar*); um DP semanticamente identificável como o sujeito do infinitivo (*tu* e *las fuentes*) e um determinante (*el*). No entanto, enquanto (16a) seria um tipo de infinitivo que apresenta um sujeito marcado com caso nominativo e um objeto que aparece com um clítico acusativo (*lo*), (16b), por sua vez, apresenta um argumento que aparece com caso genitivo. Além disso, outro contraste interessante apontado pela autora é que, em exemplos como em (1a), a presença do determinante é opcional, ao passo que, em casos como (1b), o determinante parece ser obrigatório.

De acordo com a autora, os infinitivos não são uma categoria mista, uma vez que nunca exibem propriedades verbais e nominais simultaneamente. O que ocorre, na verdade, é que os infinitivos podem ter um comportamento mais próximo a verbos ou a nomes, por consequência, diferentes tipos de estrutura são projetados dependendo do tipo de infinitivo que as encabeça.

A partir das características elencadas para os infinitivos verbais e nominais do espanhol, Miguel (1996) discute o estatuto do afixo *-r* que aparece em cada um dos subtipos de infinitivo. A proposta da autora é que há dois morfemas homófonos: um derivacional, presente nos infinitivos nominais e um flexional, que se realiza nos infinitivos verbais. Nesse sentido, segundo a autora, o afixo *-r* que deriva os infinitivos nominais se anexa a um radical verbal e o recategoriza como [+N], o que explica a obrigatoriedade de um núcleo D com infinitivos nominais. Além disso, é importante ressaltar que, mesmo sendo de natureza nominal, tal elemento carrega, segundo a autora, uma informação aspectual não perfectiva. Em contrapartida, o segundo tipo de afixo *-r* tratado na proposta de Miguel (1996) tem natureza flexional. Esse elemento é o que ocorre nos infinitivos de natureza verbal e, segundo a autora, ele não impõe qualquer restrição semântica ao radical verbal e não o recategoriza como [+N], o que explica as propriedades verbais que o infinitivo a que tal afixo se anexa apresenta. Assim, na implementação da análise acima descrita, as estruturas propostas por Miguel (1996) para o infinitivo verbal e nominal do espanhol podem ser vistas na estrutura abaixo:

(17) a. Infinitivo Verbal

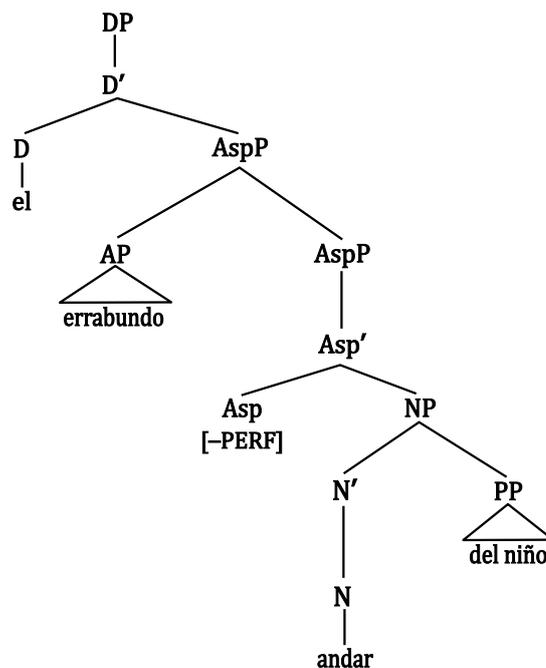
a'. El andar el niño tan tarde



(MIGUEL, 1996, p. 46)

b. Infinitivo Nominal

b'. El andar errabundo del niño



(MIGUEL, 1996, p. 48)

Segundo a análise de Miguel (1996), a estrutura envolvendo o infinitivo verbal inclui tanto um TP, como um AspP, responsáveis, respectivamente, pela leitura de tempo e aspecto da formação. Ambos os traços de tempo e aspecto são considerados traços fortes (nos moldes de CHOMSKY, 1995) e, portanto, devem ser checados antes de LF para que a derivação seja convergente. A checagem desses traços é feita através da subida do verbo para os núcleos de Asp e T sucessivamente. A natureza

verbal do infinitivo explica a possibilidade de atribuição de caso acusativo, enquanto a estrutura do TP explica o fato de que um sujeito marcado com caso nominativo também pode ser licenciado nessas formações. Quanto aos infinitivos nominais, estes são núcleos de um NP, o que explica a ausência de atribuição de caso acusativo. Ainda segundo a autora, esse NP é o complemento de um núcleo de aspecto, que é especificado como [-perfectivo]. Além disso, o núcleo Asp, que permite o licenciamento de modificadores que adicionam, por exemplo, a interpretação de modo, frequência e duração do evento, é selecionado pelo próprio determinante. É interessante ressaltar ainda que a estrutura acima proposta para o infinitivo nominal não apresenta um núcleo T, ao contrário dos infinitivos verbais, não licenciando, portanto, sujeito nominativo.

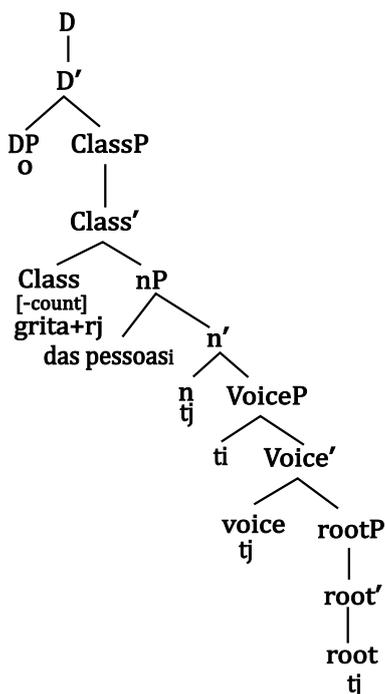
Já Brito (2012) analisa as nominalizações infinitivas no português europeu (PE), argumentando que o PE possui três tipos distintos de infinitivos: um deles com características verbais, outro com características nominais e um terceiro tipo misto, que mescla características dos dois primeiros tipos de formação. Seguindo as proposições de Miguel (1996), Brito (2012) propõe que o marcador *-r* do infinitivo não é um elemento uniforme, analisando tal afixo ora como elemento derivacional, como nos infinitivos de natureza nominal, ora como elemento flexional, como nos infinitivos verbais e mistos.

O modelo de análise adotado por Brito (2012) para representar as nominalizações infinitivas em PE é baseado em Alexiadou (2001) e Alexiadou, Iordăchioaia e Schäfer (2011), em que uma raiz é categorizada como verbal ou nominal a depender dos núcleos funcionais que a dominam. Nessa perspectiva, a estrutura proposta em Brito (2012) para o infinitivo nominal apresenta as seguintes camadas:

(18) a. [DP [ClassP [nP [VoiceP [RootP]]]]]

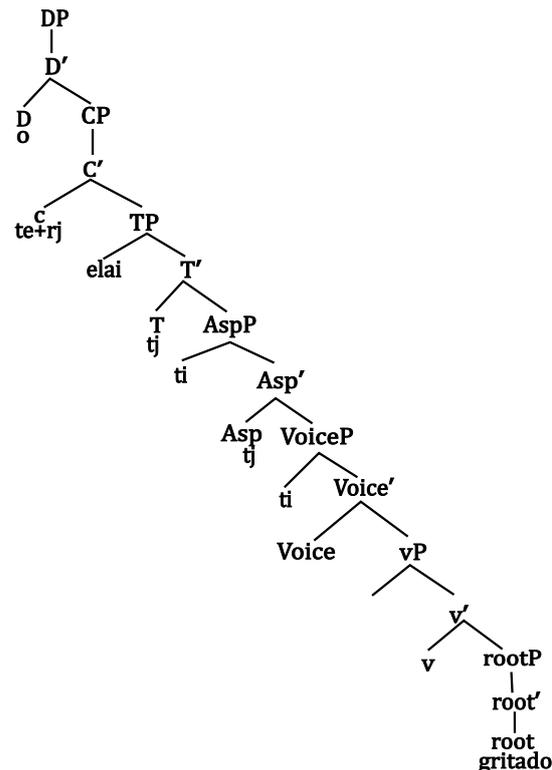
A presença de um núcleo nP garante o aparecimento de sufixos nominalizadores, além de ser o lugar da checagem do caso genitivo. Brito (2012), baseando-se em Alexiadou, Iordăchioaia e Schäfer (2011), além de Borer (2005), assume que o núcleo ClassP, responsável pela leitura aspectual interna das expressões nominais, contém um traço [+/- cont.] que está relacionado à noção aspectual das expressões nominais. Mais especificamente, o traço [+cont.] gera uma nominalização télica e contável, sendo o gatilho para o licenciamento de uma projeção NumP. Além disso, nos casos em que as estruturas de infinitivo nominal apresentam um possessivo, a estrutura projeta um núcleo do tipo PossP e, por fim, o núcleo da projeção DP é entendida como a responsável por determinar a natureza referencial do nome, nos moldes de Abney (1987) e Longobardi (1994). Seguindo Alexiadou, Iordăchioaia e Schäfer (2011, pp. 32-3), Brito (2012) assume que AspP não é projetado nos casos em que as estruturas não apresentem operadores aspectuais. Nesses casos, a informação aspectual proveniente da raiz atélica seria suficiente para delimitar as propriedades aspectuais da construção. Além disso, para os infinitivos nominais, a autora assume a presença de VoiceP (KRATZER, 1996), projeção responsável pela introdução do argumento externo. Em suma, a comparação entre as estruturas propostas em Brito (2012) para o infinitivo verbal e nominal do PE pode ser vista a seguir:

- (19) a. Infinitivo nominal
a'. O gritar das pessoas



(BRITO, 2012, p. 111)

- b. Infinitivo verbal
a. O ter ela gritado surpreendeu-nos.

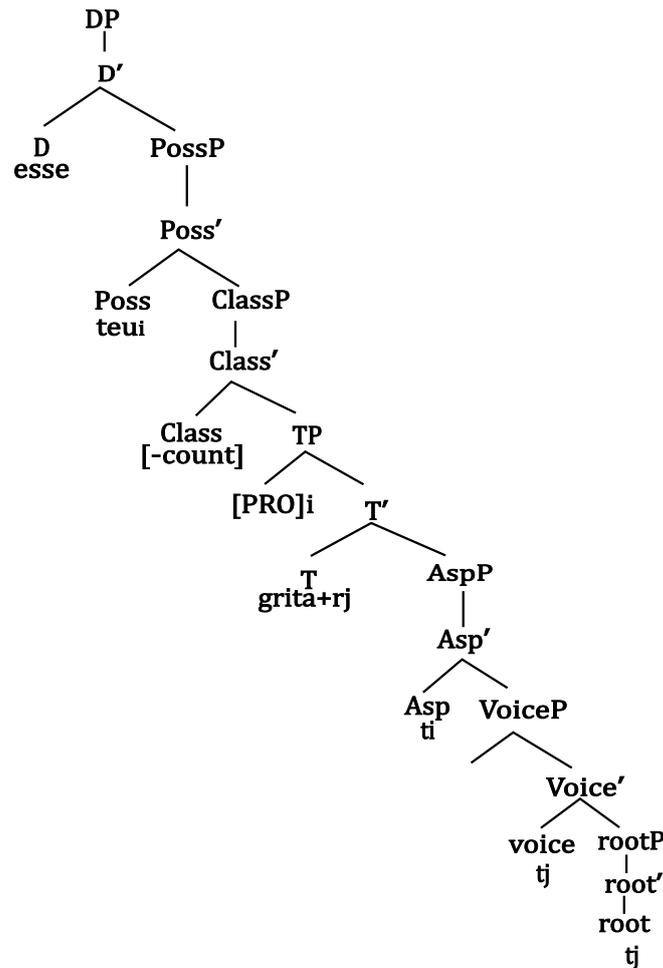


(BRITO, 2012, p. 112)

Dessa forma, para os infinitivos nominais em PE, a autora assume que a raiz – que abriga a informação aspectual – se move para o núcleo funcional *n*, que abriga o afixo *-r*. Esse movimento, segundo a autora, é o que permite capturar a natureza derivacional desse afixo. Além disso, os argumentos do infinitivo nominal são marcados com caso genitivo e a autora assume que a ocorrência de genitivo se deve ao movimento do DP relevante para Spec de *n*, justamente para verificar caso. É interessante ressaltar que a altura da entrada das projeções de natureza nominal é delimitada pelo núcleo *Voice*. Já para o infinitivo verbal, a proposta da autora é que tais formações se configuram como uma nominalização de CP. É importante lembrar que a marca *-r* que aparece nessas formações é considerada como flexional, o que é capturado pela ideia de que tal elemento seja projetado em Asp. Ainda segundo a autora, não há uma projeção *nP* nesse tipo de infinitivo, uma vez que eles não apresentam a atribuição de caso genitivo, nem podem ser modificados por adjetivos. Por fim, a projeção *vP* é compreendida como responsável por exprimir evento, além de atribuir caso acusativo, se um argumento interno estiver presente na sentença.

Finalmente, Brito (2012) argumenta em favor de um terceiro tipo de nominalização de formas infinitivas em PE, as nominalizações mistas, caracterizadas por uma mistura de propriedades presentes nos dois primeiros tipos. A estrutura proposta pela autora especificamente para esse terceiro tipo de infinitivo pode ser vista abaixo:

(20)



(BRITO, 2012, p. 117)

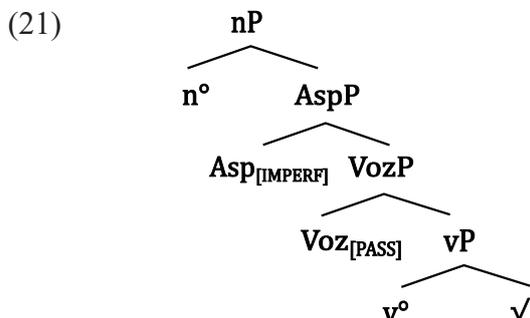
É interessante ressaltar que, na proposta da autora, os infinitivos mistos não apresentam nenhum indício de núcleo nominal que motive a presença de um núcleo do tipo *nP*, uma vez que não há, por exemplo, a atribuição de genitivo marcado por *de*. De qualquer forma, a estrutura pode conter uma projeção *Poss*, que abriga um possessivo capaz de controlar um sujeito pronominal nulo em *TP*. Por fim, o morfema *-r* é novamente tomado como um morfema de natureza flexional que é projetado como núcleo de *AspP* que faz movimento para *T*.

Resende (2020) aborda as nominalizações do PB de maneira ampla, investigando o comportamento dessas formações em relação aos diferentes níveis de gramática assumidos no modelo da MD. Em relação especificamente às nominalizações infinitivas, o autor busca propor uma tipologia de infinitivos, distinguindo-os a partir de sua estrutura interna em três grandes grupos: os infinitivos nominais, os infinitivos mistos e os infinitivos verbais⁸. Na proposta de Resende (2020), os infinitivos nominais são ainda subdivididos em três outros subgrupos, a saber, as nominalizações imperfectivas, os adjuntos aspectuais e os infinitivos nus⁹.

⁸ Sendo puramente verbais, tais formações não são introduzidas por DPs e também não apresentam *nP* em sua estrutura.

⁹ Resende (2020) ainda discute a existência de expressões com modificação adjetival (como *ser vivo*, *ser humano* e *fazer docente*) e com modificação adverbial (aqueles que aparecem com *mal* ou *bem*).

As nominalizações imperfectivas compartilham a estrutura básica de [o + infinitivo + de + complemento], além de apresentarem uma especificação do núcleo Asp para [imperfectivo], o que gera uma leitura de evento não concluído. A estrutura das nominalizações imperfectivas, tal como proposta pelo autor, pode ser vista abaixo:



(RESENDE, 2020, p. 216)

Na estrutura acima, é interessante destacar que o autor assume a existência de um *Voice*_[PASS], que licencia a projeção de argumento externo apenas como adjunto, mas não como especificador, além de não ser capaz de checar o caso do seu complemento. Já os adjuntos aspectuais, tal como denominados pelo autor, são compostos por expressões que indicam a passagem de um período de tempo e caracterizam-se pela presença de preposição antes do determinante, sendo construídos com um verbo intransitivo, inergativo ou inacusativo, tal como nos dados abaixo:

- (22)
- a. No decorrer dos anos...
 - b. Com o passar do tempo...
 - c. No cair da noite...
 - d. No calar da noite...
 - e. Pelo andar da carruagem...
 - f. No frigir dos ovos...

(RESENDE, 2020, p. 217)

A derivação desse subgrupo, de acordo com Resende (2020), é bastante semelhante ao diagrama arbóreo em (21). Entretanto, esse segundo tipo não apresentaria em sua estrutura um núcleo *Voice*, já que, segundo o autor, o tipo de verbo e a ausência de leitura puramente composicional inviabilizariam a projeção de argumento externo. Por sua vez, os infinitivos nus caracterizam-se, na tipologia do autor, por não apresentarem complemento ou material sintático adicional, à exceção do determinante, denotando evento (como em *olhar*, *jantar*, *amanhecer*, *alvorecer*, *entardecer*) ou estado (como em *saber*, *poder*, *dever*). Sintaticamente, tais formações também seriam caracterizadas pelo traço de imperfectivo e pela ausência do núcleo *Voice*.

Em suma, Resende (2020) entende que a classe dos nominais infinitivos do PB não é homogênea, isto é, ela abarca o que se pode chamar de subtipos de infinitivos nominais. A fundamentação utilizada pelo autor para determinar a diferença estrutural entre esses tipos de infinitivos nominais estaria

relacionada à leitura aspectual imperfectiva, bem como à presença ou ausência de um núcleo *Voice* na estrutura. Finalmente, na visão do autor, o morfema *-r* nos infinitivos nominais é entendido como a realização do núcleo nominalizador em um contexto de aspecto imperfectivo.

Por sua vez, o grupo dos chamados infinitivos mistos é caracterizado como estruturas defectivas, em que o categorizador nominal está ausente. Assim, as propriedades nominais desse tipo de infinitivo não estariam relacionadas à presença de um sintagma nominal (*nP*), mas sim, à projeção da camada D, ainda que tal elemento apresente realização nula. Alguns exemplos de infinitivos mistos podem ser vistos abaixo:

- (23) a. O saber matemática ajuda no desenvolvimento do cérebro.
 b. Praticar alpinismo entretém a Marta.
 c. O Pedro decidiu/planejou/prometeu morar em Paris.

(RESENDE, 2020, p. 224)

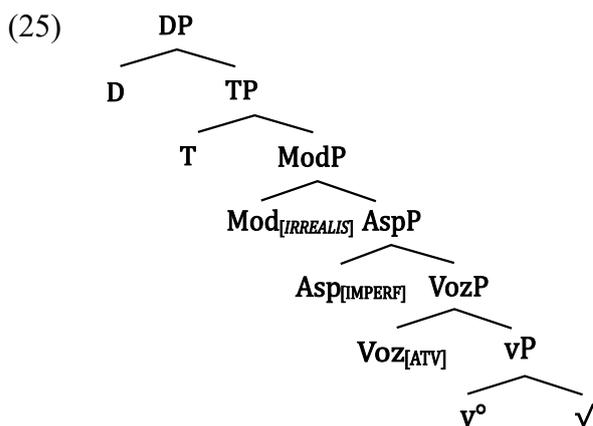
Além disso, é importante destacar que o autor propõe ainda a presença de um núcleo T na estrutura dos infinitivos mistos. Nessa proposta, a ocorrência de uma projeção do tipo TP se justifica sintaticamente pela possibilidade de ocorrer com infinitivo flexionado (24a), pela atribuição de caso nominativo ao argumento externo (24b), pela ocorrência de clíticos (24c) e pela compatibilidade com advérbios de TP (24d):

- (24) a. O João e a Maria viajarem de avião preocupa o piloto.
 b. Eu chegar atrasado é difícil.
 c. Preocupar-se demais faz mal à saúde.
 d. O Carlos (já) ser o primeiro da classe deixou a professora surpresa.

(RESENDE, 2020, p. 229)

De acordo com o autor, no entanto, o TP dos infinitivos mistos não impõe restrições sobre a marcação temporal e, portanto, não deve ser especificado para tempo. Na estrutura dos infinitivos mistos, Resende (2020) assume também o traço [irrealis], conforme proposto por Stowell (1982), responsável pela leitura de “evento em potência”, que é codificado em ModP. Além da presença de TP e ModP, a porção verbal das estruturas de infinitivo misto também apresenta um núcleo de aspecto que é compatível somente com o [imperfectivo], “uma vez que não faz sentido caracterizar como conclusivo um evento que nem mesmo se sabe se vai ocorrer e, por consequência, se vai ser concluído” (p. 232). Além disso, os infinitivos mistos, em dissonância ao comportamento apresentado pelos infinitivos nominais, atribuem caso acusativo ao argumento interno e caso nominativo ao argumento externo. A estrutura funcional das nominalizações mistas proposta por Resende está replicada a seguir¹⁰:

¹⁰ Como apontado por parecerista anônimo, é interessante ressaltar que não fica claro que haja uma projeção D nessas formações. De fato, parece que o que motivou essa proposta é o fato de esses infinitivos estarem em posição de sujeito e essa posição ser associada tradicionalmente a um DP. No entanto, talvez essas podem ser simplesmente orações nessa posição, sem que haja nominalização envolvida, a não ser que se apresentem evidências de que há um D não foneticamente realizado.



(RESENDE, 2020, p. 233)

Finalmente, nos infinitivos mistos, o autor propõe que um requerimento de boa formação morfológica da língua determina que se aplique uma regra de fusão entre T, Mod e Asp, sendo o morfema *-r* a peça vencedora da inserção de vocabulário relevante.

3. O modelo teórico: A Morfologia Distribuída (MD)

A vertente teórica da MD pode ser caracterizada como um dos desenvolvimentos recentes da Teoria Gerativa, especialmente dentro do modelo de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981), sendo inicialmente proposta em Halle e Marantz (1993) e, posteriormente, refinada em Marantz (1997) e muitos outros trabalhos subsequentes. A ideia central do modelo da MD é a existência de um único componente gerativo, a sintaxe, capaz de gerar estruturas complexas através da estruturação de unidades menores de maneira hierárquica e sistemática.

Dessa forma, a MD dilui as fronteiras entre a formação de palavras e sentenças, que passam a ser compreendidas como resultado de operações similares no componente sintático. Assim, as propriedades que no modelo lexicalista estavam diretamente associadas aos itens lexicais são distribuídas em três diferentes listas, cada qual contendo informações de naturezas distintas, acessadas em momentos diferentes no decorrer da derivação.

A Lista 1, ou Léxico Estrito, armazena os primitivos que serão manipulados na derivação sintática: raízes e traços morfossintáticos. Enquanto a natureza das raízes ainda se coloca como tema de debate na literatura, os traços morfossintáticos são consensualmente abstratos, isto é, desprovidos de conteúdo fonológico. As operações sintáticas estruturam hierarquicamente os primitivos selecionados da Lista 1 através da combinação de traços morfossintáticos e raízes a partir da concatenação desses sob nós terminais. Para os propósitos deste trabalho, é interessante ressaltar que, na MD, a categoria deixa de ter estatuto de primitivo para ser sintaticamente derivada, o que é consequência da ideia de que as raízes são entendidas como elementos desprovidos de categoria. A hipótese de que as raízes são elementos acategoriais tem sido implementada na teoria através da postulação da existência de núcleos funcionais especializados (*n*, *v*, *a*), responsáveis por fornecer categoria à estrutura a que eles se anexam.

A Lista 2, denominada Vocabulário, é o lugar de armazenamento dos Itens de Vocabulário (IVs), que são associações entre os expoentes fonológicos disponíveis no inventário da língua e os traços morfossintáticos a eles correspondentes. Essa lista é acessada somente depois da sintaxe, de modo que os nós terminais sintáticos ganham conteúdo fonológico através da operação de Inserção de Vocabulário, que é, por sua vez, regulada pelo Princípio do Subconjunto (HALLE, 1993).

Finalmente, a Lista 3, também conhecida como Enciclopédia, é responsável pelo armazenamento das informações conceituais arbitrárias, armazenando o significado idiossincráticos, por exemplo, das raízes associadas ao respectivo contexto estrutural.

Especificamente no que diz respeito às nominalizações infinitivas do PB que são foco deste trabalho, é importante ressaltar as motivações que apontam para o quadro da MD como aporte teórico interessante, a saber: (i) a noção de categoria adotada no modelo e (ii) as possibilidades de interação entre a formação de palavras e a formação de sentenças licenciadas na MD.

No que diz respeito à noção de categoria, na contramão dos pressupostos lexicalistas, a MD propõe que as formas não são categorizadas à priori. Na verdade, as categorias lexicais tradicionais, como nome, verbo, adjetivo, não são tomadas como primitivos no modelo, uma vez que as raízes são entendidas como elementos acategoriais, que serão rotulados posteriormente a partir da concatenação com um núcleo categorizador. Os núcleos categorizadores, por sua vez, são núcleos de natureza funcional, cuja função é fornecer categoria às estruturas em que se concatenam. Essa ideia encontra nas nominalizações infinitivas do PB um campo fértil de aplicação empírica, uma vez que tais formações, apresentando um comportamento misto entre verbo e nome, ainda mantêm uma mesma raiz, seja qual for o contexto categorial. Já a interação entre a formação de palavras e sentenças é naturalmente licenciada no modelo da MD, diante da assunção de que as operações sintáticas que atuam na formação de objetos complexos são as mesmas, independentemente da natureza desse elemento. É dessa forma que se delineia uma interface transparente entre sintaxe e morfologia. A consequência direta de um modelo que relaciona sintaxe e morfologia é que a palavra não é mais um domínio privilegiado, uma vez que no modelo da MD, palavras e sentenças são o *output* do mesmo componente, a sintaxe.

4. Uma proposta de análise para o infinitivo nominal no PB

A presente seção tem como objetivo central delinear uma proposta de análise para os infinitivos nominais do PB, tomando como escopo teórico uma perspectiva sintática de formação de palavras nos moldes da MD. Dentro dessa abordagem, propomos que a presença e organização hierárquica dos núcleos funcionais que participam da estrutura seja capaz de descrever e explicar o comportamento dos infinitivos nominais. Assim, tomando como ponto de partida especificamente a estrutura de argumentos que pode estar atrelada aos infinitivos nominais do PB a depender do verbo de base, discutimos, na implementação da nossa análise, os mecanismos de introdução dos argumentos externo e interno que tais formações possivelmente comportam.

Quanto ao argumento externo, propomos que tal elemento é sintaticamente representado por um PRO (cf. MIGUEL, 1996) na posição de especificador do núcleo *Voice*, sendo que tal PRO pode:

- (i) Manter-se conceitualmente interpretado, mas não ser especificado ou explicitado na estrutura;
- (ii) Ser especificado ou explicitado por um adjunto introduzido por PP;
- (iii) Ser realizado como um DP pleno, quando tal elemento é o único argumento do verbo de base;
- (iv) Ter a sua leitura controlada, por exemplo, por um possessivo que será, mais tarde, introduzido na estrutura interna do DP;

Em termos formais, então, a obrigatoriedade desse argumento é dada pela presença de um núcleo *Voice* na estrutura, que introduz o argumento externo em seu especificador. A opcionalidade na explicitação ou na realização fonológica dele, no entanto, é interpretada neste trabalho através da postulação de uma categoria vazia, ou mais especificamente um PRO, que é licenciado nessa posição. O PRO no especificador de *Voice* tem como consequência sintática a satisfação da grade argumental da formação de base. Por outro lado, a consequência semântica da presença de tal elemento é que o evento denotado é interpretado como algo necessariamente desencadeado por um agente, apesar de tal elemento não estar explicitado.

A presença de um agente implícito, representado por um PRO, pode ser fortalecida por algumas evidências interessantes, conforme apontado em Cornilescu (2001) em sua investigação sobre nominalizações no romeno, tais como: (i) a possibilidade de ocorrência de adjetivos orientados para o agente (26a); (ii) a possibilidade de que o agente implícito atue como antecedente de uma anáfora (26b) e (iii) a possibilidade de o agente implícito controlar o sujeito de uma sentença de finalidade (26c).

- (26) a. O destruir deliberado das provas pelo congresso.
- b. O defender-se das acusações era a única preocupação do deputado.
- c. O estudar das lições difíceis em voz alta para facilitar a memorização.

Se a proposta de um PRO como argumento externo estiver no caminho correto, uma das maneiras de se explicitar tal argumento em uma nominalização infinitiva pode ser através da coindexação entre o PRO no especificador de *Voice* e o DP interpretado como agente, que é inserido pela *por*. Propomos uma coindexação com o DP mais especificamente e não com o PP propriamente dito, uma vez que, sendo o PP um adjunto de *Voice*, a primeira projeção que o domina (*VoiceP*), também domina o especificador do *Voice* e eles estão em uma relação de c-comando. Para evitar uma relação de ligação, que seria licenciada pela coindexação aliada a c-comando, propomos que o PRO esteja coindexado com o DP dentro do PP. Dessa forma, a primeira projeção que domina o DP (PP) não domina o PRO e eles estão apenas coindexados, não ligados¹¹.

¹¹ A coindexação do PRO com o PP foi proposta em trabalhos anteriores, como em Souza (2020). Agradecemos ao parecerista anônimo pela sugestão de implementação proposta neste artigo.

Dada a opcionalidade dessa explicitação, analisamos o PP mais especificamente, como adjunto de *Voice*. Nessa configuração, o DP que está no interior do PP recebe caso diretamente da preposição que o acompanha. A proposta de um PRO no especificador de *Voice* é interessante, uma vez que possibilita a manutenção, na nominalização infinitiva, da estrutura de argumentos do verbo de base. Isso explica, por exemplo, o potencial de produtividade dessas formações, além de tornar previsíveis as relações interpretativas entre a forma verbal e a forma nominal. Ao mesmo tempo, essa proposta dá conta de explicar uma assimetria de realização nos argumentos externos e internos: enquanto o argumento interno é obrigatoriamente realizado, o argumento externo tem opcionalidade de realização fonológica. Propomos que essa opcionalidade não é, no entanto, sintática, uma vez que, do ponto de vista da estrutura, o argumento externo está presente, ainda que através de um elemento não fonologicamente realizado.

Além dessa coindexação, na análise do argumento externo das nominalizações infinitivas do PB propomos que é possível também que o especificador de *Voice* seja preenchido por um DP pleno. Para explorar essa possibilidade, tomamos como base as formações em que o DP agente é o único argumento do verbo de base da nominalização infinitiva, como nos inergativos. Nesses casos o argumento externo não é introduzido pela preposição *por*, mas sim pela preposição *de*. Propomos que a diferença no tipo de preposição ilustra, também uma diferença no mecanismo de licenciamento sintático. Assim, a nossa proposta de análise para esses casos é que o agente na forma de um DP pleno seja inserido diretamente no especificador de *Voice*. Assim, propomos que a preposição *de* nada mais é que o reflexo morfofonológico pós-sintático da atribuição de Caso genitivo¹² que, no nosso sistema, é fornecido pela camada nominal mais acima na estrutura. Mais especificamente, assumimos que o caso genitivo é valorado por projeções nominais. Na verdade, a relação entre caso genitivo e projeções nominais não é uma novidade deste trabalho. Em Picallo (1991), por exemplo, o genitivo é atribuído através do movimento do DP relevante para a posição de especificador na projeção de gênero. Para Engelhardt (2000), por sua vez, sintagmas genitivos são licenciados por um núcleo funcional (D) no estabelecimento de uma relação de concordância.

Em relação à presença de camadas nominais, Iordăchioaia (2014, 2020) argumenta por um paralelismo entre a flexibilidade/rigidez de vários padrões de nominalizações na seleção de determinantes e a presença/ausência de sintaxe interna em sua estrutura. Mais especificamente, segundo a autora, nominalizações que apresentam a camada *nP* permitem variação no determinante, enquanto nominalizações que não apresentam tal camada de categorização, sendo nominalizadas por D, apresentam uma realização rígida de determinante. Considerando que as nominalizações infinitivas podem ser introduzidas por diferentes determinantes, assumimos a presença de uma camada *n* nessa estrutura. Mais especificamente, na implementação da estrutura, assumimos que o caso genitivo seja um traço do categorizador nominal *n*.

¹² Um parecerista anônimo questionou a utilização da nomenclatura “genitivo”, uma vez que a preposição “de” nos dados relevantes não é marcadora de origem ou posse, o que caracterizaria genitivo, sugerindo, alternativamente, o termo “oblíquo”. Optamos, neste momento, por manter a nomenclatura em consonância com a literatura com a qual dialogamos, como Picallo (1991), Miguel (1996), Brito (2012), entre outros.

Nesse sistema, pelo DP em especificador de *Voice* ser alto na estrutura sintática, além de ser o único DP disponível, como acontece nos inergativos, então, o Caso genitivo é atribuído a tal elemento no especificador de *Voice*, resultando, posteriormente, na realização da preposição *de*. A valoração desse traço acontece por meio de uma operação do tipo *Agree* (CHOMSKY, 2000, 2001), que, em linhas gerais, pode ser entendida como uma relação de traços estabelecida entre uma sonda que busca, na estrutura sintática, um alvo que apresente o traço relevante valorado.

Para o licenciamento do argumento interno, partimos da ideia de que as raízes são incapazes de selecionar argumento. As motivações dessa hipótese de trabalho se dão tanto no nível teórico, como empírico. Do ponto de vista teórico, a raiz, sendo desprovida de traços sintático-semânticos, como se tem assumido no modelo da MD, acaba por ser sintaticamente inerte, o que exclui, portanto, a possibilidade de que ela contenha qualquer informação sobre a estrutura argumental que será inserida da derivação. Por sua vez, do ponto de vista empírico, os dados de alternância argumental em diferentes estruturas sintáticas, mas com a preservação de uma mesma raiz, tal como explorado em Bassani e Minussi (2015), parecem apontar exatamente para o estatuto inerte da raiz em relação à estrutura de argumentos. Assim, entendemos que a entrada de um argumento deve acontecer estritamente via núcleos de natureza funcional. Especificamente em relação ao argumento interno, assumimos que a introdução desse elemento cabe ao categorizador *v* e não à raiz.

Do mesmo modo como propusemos para os inergativos, entendemos que a preposição *de* que introduz o argumento interno nas nominalizações infinitivas é o reflexo pós-sintático da valoração do traço de caso do núcleo categorizador *n* para o argumento interno. Nesse cenário, duas questões importantes surgem a partir do sistema desenvolvido até aqui:

- (i) Como o núcleo *n* atribui genitivo para o argumento interno, dada a intervenção do argumento externo presente no especificador de *Voice*?
- (ii) Por que não há atribuição de caso acusativo via *Voice*, se o especificador dessa projeção *Voice* está preenchido?

A respeito da primeira questão, assumimos que o PRO no especificador de *Voice* seja invisível para atribuição de caso ou porque esse elemento não tenha traços de caso¹³ e, portanto, seja ignorado na relação de *Agree* ou porque o PRO apresente algum tipo de caso nulo (CHOMSKY; LASNIK, 1993) que não dependa da estrutura sintática. Dessa maneira, o PRO não causa qualquer efeito de intervenção entre o núcleo *n* e o argumento interno do categorizador verbal. É interessante notar ainda que quando o especificador de *Voice* é preenchido por um DP propriamente dito, como acontece nos inergativos, o caso genitivo é atribuído exatamente a ele. No entanto, essa abordagem parece não ser suficiente, uma vez que a fase desencadeada pelo núcleo *Voice* faria com que o argumento interno sofresse *spell-out* e, portanto, tal argumento não estaria visível à sondagem do núcleo *n* para atribuição de Caso genitivo. Para lidar com essa problemática, propomos que o argumento interno se mova para

¹³ Ressaltamos que no clássico Teorema do PRO (CHOMSKY, 1981) tal elemento, por definição, não possui caso.

Spec de AspP; esse movimento parece ser necessário uma vez que se aloca em algum dos núcleos abaixo de *Voice* esse elemento, por questões de localidade como explicitamos acima, não estaria acessível para receber o caso do núcleo nominal. Essa análise segue os moldes propostos por Collins (2005) para as sentenças passivas. De acordo com a abordagem de *smuggling*, proposta pelo autor, o argumento interno nas passivas é carregado através do movimento de uma projeção máxima de participio em direção a uma posição de pouso que, para os limites da nossa discussão, é precisamente mais alta do que a posição que licencia o argumento externo. Esse movimento é, em última análise, uma solução para escapar do efeito de intervenção causado pela presença do argumento externo em especificador de *Voice*, uma das proposições de base na análise de Collins (2005) na estrutura de sentenças passivas. Uma vez que o caso é atribuído pelo categorizador nominal, sendo a preposição apenas reflexo dessa operação, o movimento fica motivado em termos formais.

Quanto à segunda questão, é interessante ressaltar que, na sintaxe minimalista, o caso acusativo é atribuído via *Voice* (KRATZER, 1996) – ou *v* na nomenclatura de CHOMSKY, 1995) – núcleo que também é responsável pela introdução do argumento externo. No entanto, o núcleo *Voice* presente no infinitivo nominal, diferentemente disso, não atribui caso acusativo, o que fica explícito pela necessidade de preposição na introdução do argumento interno. Do ponto de vista empírico, esse cenário não é novidade, dado que ele pode ser, por exemplo, diretamente comparado ao que acontece nas passivas. Ainda que uma análise detalhada dessa questão extrapole o escopo deste artigo, queremos abrir a perspectiva de que a falta de atribuição de acusativo seja, na verdade, consequência do tipo de *Voice* presente na estrutura. Nessa linha de raciocínio, se assumirmos, por exemplo, a existência de um *Voice* passivo (cf. ALEXIADOU, 2013), podemos levantar como hipótese que, em oposição ao *Voice* ativo, tal núcleo tenha pelo menos duas propriedades que nos são salientes nesse momento da análise: (i) O núcleo funcional *Voice* do tipo passivo não atribui caso acusativo; (ii) O núcleo funcional *Voice* do tipo passivo é compatível com projeções, projeções de natureza nominal acima dele.

Além disso, propomos que as nominalizações infinitivas do PB sob escopo deste trabalho não apresentam um núcleo T em sua estrutura. Um dos argumentos que evidencia a ausência de T nos nominais infinitivos do PB é a impossibilidade de que formas verdadeiramente flexionadas em tempo possam ser nominalizadas. Outro argumento que sustenta a ausência de um núcleo T nas formações em questão é a impossibilidade de que o infinitivo nominalizado apresente flexão de número e pessoa, de modo que o chamado infinitivo flexionado torna a formação agramatical. Outra evidência que vai na mesma direção é a impossibilidade de atribuição de caso nominativo nessas formações. Se assumirmos que o nominativo é atribuído via T, então a correlação entre a ausência de T e de caso nominativo é prontamente explicada.

Continuando a discussão a respeito da estrutura sintática dos infinitivos nominais do PB, propomos que, acima do núcleo de *Voice*, o próximo núcleo da estrutura sintática é um núcleo aspectual. Mais especificamente, a partir da proposta de Miguel (1996) e Resende (2020), propomos

que o infinitivo nominal do PB apresenta leitura imperfectiva¹⁴, denotando um evento em andamento, ou mais especificamente, que está acontecendo simultaneamente ao desenvolvimento do evento expressado pela oração matriz, que pode ser entendido, por sua vez, como passado, presente ou futuro em relação ao momento do ato de fala. Do ponto de vista da estrutura, esse traço de aspecto seria realizado por um núcleo específico, Asp, acima de *Voice*, que também seria responsável pela realização morfológica da marca de infinitivo, o afixo *-r*, que aparece tanto nas formas verbais, como na forma nominalizada.

É interessante ressaltar, então, que rejeitamos a ideia de que o afixo *-r* seja homófono entre o comportamento derivacional e flexional, contra Miguel (1996) e Brito (2012). Isso porque tal afixo não é, na nossa análise, responsável por nominalizar a formação. Um dos argumentos que parecem sustentar essa ideia é que o morfema *-r* ocorre nas formas infinitivas ainda que estas não estejam nominalizadas. Além disso, é importante ressaltar que a simples ocorrência do morfema não é suficiente para nominalizar a forma infinitiva, que necessita de um determinante fonologicamente realizado ou de um elemento que revele a existência da camada DP, tal como os possessivos o fazem por exemplo. Da mesma forma, a proposta de homofonia parece não capturar a relação sistemática e previsível entre a forma verbal e a forma nominal.

Além dos núcleos de natureza verbal discutidos acima, a saber, *v*, *Voice* e Asp, assumimos que a estrutura dos infinitivos se nominaliza a partir da concatenação de, pelo menos, dois núcleos funcionais de natureza nominal: o núcleo categorizador *n* e o núcleo D. Como dissemos anteriormente, a presença do categorizador se justifica, seguindo Iordăchioaia (2014, 2020), pela flexibilidade de realização dos determinantes na nominalização infinitiva. Em termos formais, propomos que tal núcleo carrega um traço valorado de caso genitivo, a partir da ideia de que caso como é um epifenômeno da valoração de traços-phi, como proposto em Chomsky, 2000, 2001. Dessa forma, a preposição funcional é entendida como um reflexo dessa atribuição de Caso e não como uma sonda atuante na sintaxe propriamente dita. O núcleo D, por sua vez, abriga o determinante, que pode ser realizado através de artigo definido, pronome demonstrativo, artigo indefinido, sempre com traços de masculino singular. Entendemos que o pronome possessivo também pode ser tomado como evidência da camada DP, embora extrapole o escopo deste trabalho determinar exatamente a posição sintática desse elemento. De qualquer forma, o possessivo também se manifesta no masculino singular.

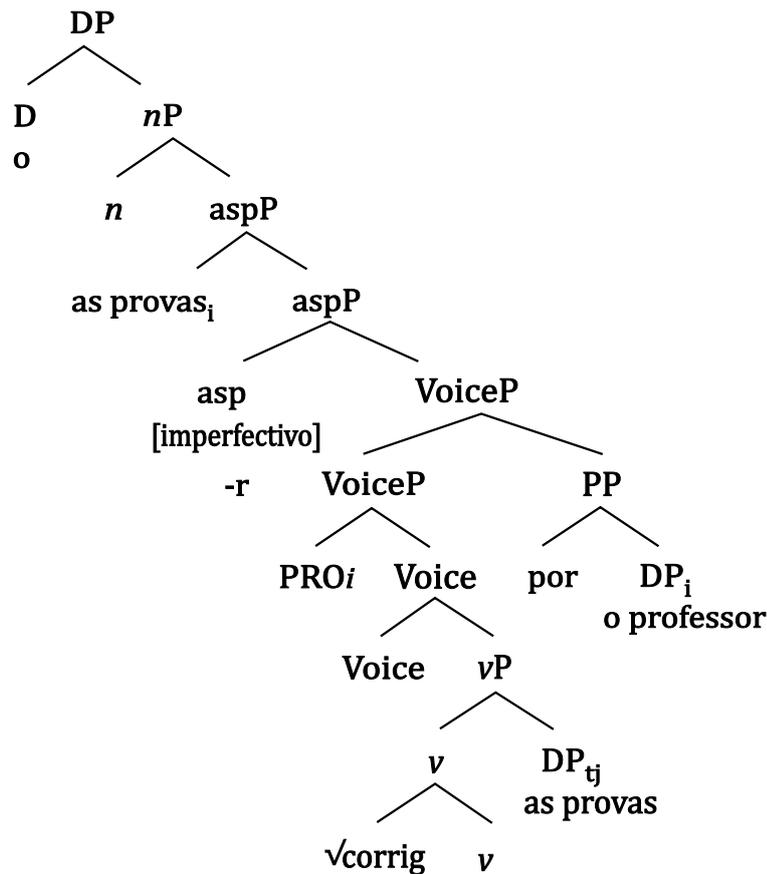
É interessante ressaltar que essa estrutura nominal assumida é consideravelmente empobrecida, no sentido de não conter todas as projeções funcionais que uma categoria nominal normalmente apresenta (cf. (18)). Nesse sentido, propomos, por exemplo, que uma projeção de número esteja ausente nos infinitivos nominais. A ausência de uma projeção desse tipo prevê que tais formações não podem ser pluralizadas. Dessa forma, a expressão do singular no determinante parece ser fruto de um valor *default*, como estratégia de último recurso e não resultado de concordância entre determinante e nome.

¹⁴ Como observado por um parecerista anônimo, algumas nominalizações infinitivas parecem não apresentar leitura aspectual imperfectiva. O mapeamento das possíveis configurações aspectuais associadas a verbos de diferentes naturezas é um passo futuro desta pesquisa. Para mais discussões sobre a natureza aspectual das nominalizações infinitivas do PB, recomendamos Resende e Oliveira (2022).

Especificamente no que diz respeito ao gênero, abrimos algumas possibilidades de análise para a implementação teórica do traço de masculino que aparece no DP que encabeça o infinitivo nominal. Se por um lado consideramos, por exemplo, que o traço de gênero possui uma projeção específica do tipo GenP (PICALLO, 1991), então é possível que o infinitivo tenha uma estrutura reduzida em termos de camadas nominais, não apresentando a camada GenP e, portanto, o traço de gênero que aparece no determinante seria também um traço *default*, tal como proposto para o traço de singular. Por outro lado, se consideramos que o traço de gênero é abrigado pelo categorizador *n* (LOWENSTAMM, 2008; ACQUAVIVA, 2009; KRAMER, 2011), que integra a estrutura sintática do infinitivo nominal, então talvez seja possível pensar em duas possibilidades analíticas: (i) o núcleo *n* dos infinitivos nominais é especificado para o traço masculino que se superficializa também no determinante via *Agree* ou (ii) o categorizador nominal do infinitivo nominal é ele mesmo defeutivo, no sentido de não possuir traço de gênero. Uma discussão mais completa a respeito das consequências das duas hipóteses levantadas acima fica como perspectiva futura no desenvolvimento desta pesquisa.

A partir das discussões desenvolvidas nesta seção, a nossa proposta para uma derivação completa do infinitivo nominal do PB pode ser vista na estrutura abaixo:

(26) a. O corrigir das provas pelo professor



É importante ressaltar ainda que a ordem linear da estrutura é atingida através de movimento de núcleo. Mais especificamente, respeitando a *Head Movement Constraint*, originalmente formulada por Travis (1984), a raiz se move para os núcleos imediatamente acima dela até chegar ao categorizador nominal, sem que nenhum núcleo possa ser pulado, gerando a forma nominal.

Por fim, é comum na literatura sobre nominalização a assunção de que os nominais zero, ou formados por Conversão Morfológica, não possuem estrutura argumental obrigatória (cf. GRIMSHAW, 1990; ALEXIADOU, 2001 entre outros). Ao contrário dessa posição, se nossa proposta estiver no caminho correto, então os nominais infinitivos do PB constituem-se como uma importante evidência de que tal generalização não se sustenta.

5. Considerações finais

A discussão desenvolvida neste trabalho procurou motivar e explicitar uma proposta de estrutura funcional para os infinitivos nominais do PB a partir de uma perspectiva sintática. Em linhas gerais, assumimos que a nominalização ocorre em um lugar relativamente alto na estrutura sintática, isto é, após toda uma sequência de núcleos de natureza verbal, que inclui, mais especificamente, o categorizador *v*, um núcleo *Voice* de natureza passiva e um núcleo de Aspecto. Em linhas gerais, o núcleo *v* tem a função de codificar a leitura de evento, categorizar a raiz e introduzir o argumento interno. Por sua vez, o núcleo *Voice* abriga o argumento externo, seja ele um DP, seja ele um PRO, que pode ou não estar coindexado a outro elemento na sentença. Finalmente o núcleo Asp traz a noção de imperfectividade, abriga a morfologia *-r* que é a marca do infinitivo verbal e nominal e funciona como projeção de pouso do argumento interno, após o movimento que o retira de dentro da fase estabelecida por *Voice*, mantendo-o ativo para receber Caso genitivo.

Essa estrutura verbal é, no entanto, dominada por núcleos de natureza nominal, a saber, o categorizador *n* e a projeção DP. Enquanto o primeiro deles carrega um traço valorado de caso genitivo, o segundo, por sua vez, fornece referencialidade para a normalização, abrigando elementos como artigos, pronomes demonstrativos e possessivos que licenciam o infinitivo nominal no PB.

Finalmente, é interessante ressaltar que uma análise dessa natureza só é possível dentro de um modelo teórico que permite uma forte interação entre morfologia e sintaxe, uma vez que a entrada dos argumentos é anterior à própria formação da forma nominal analisada.

Referências

- ABNEY, Steven. *The English Noun Phrase in its Sentential Aspect*. Ph. D. Diss., MIT, Cambridge, Mass. 1987.
- ACQUAVIVA, Paolo. Roots and Lexicality in Distributed Morphology. In: GALANI, Alexandra; REDINGER, Daniel; YEO, Norman (eds.). YPL2 York-Essex Morphology Meeting (YEMM). *Fifth York-Essex Morphology Meeting (YEMM)*, 9th February and 10th February 2008, Department of Language and Linguistic Science, University of York, pp. 1-21, 2009.

- ALEXIADOU, Artemis. *Functional Structure in Nominals: Nominalization and Ergativity*, Amsterdam: John Benjamins, 2001.
- ALEXIADOU, Artemis; IORDĂCHIOAIA, Gianina; SCHÄFER, Florian. Scaling the Variation in Romance and Germanic Nominalizations. In: SLEEMAN, Petra; PERRIDON, Harry (eds.). *The Noun Phrase in Romance and Germanic: structure, variation and change*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, pp. 25-40, 2011.
- ALEXIADOU, Artemis *et al.* The realization of external arguments in nominalizations. *Journal of Comparative Germanic Linguistics*, v. 16, pp.73-95. 2013
- ALEXIADOU, Artemis; ANAGNOSTOPOULOU, Elena. The subject-in-situ generalization and the role of Case in driving computations. *Linguistic Inquiry*, v. 32, pp. 193-231, 2001.
- ALEXIADOU, Artemis; ANAGNOSTOPOULOU, Elena. The subject-in-situ generalization revisited. In: GÄRTNER, H.-M.; Sauerland, U. (eds.), *Interfaces + Recursion=Language?: Chomsky's Minimalism and the View from Syntax-Semantics*. Mouton de Gruyter, Berlin, pp. 31-60. 2007.
- ALEXIADOU, Artemis; IORDĂCHIOAIA, Gianina; SORARE, Elena. Plural marking in argument supporting nominalizations. *Layers of Aspect*. CSLI Publications, 2009.
- BASSANI, Indaiá; MINUSSI, Rafael Dias. Contra a seleção de argumentos pelas raízes: nominalizações e verbos complexos. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, v. 13, pp. 139-73, 2015.
- BAUER, Laura; VARELA, Salvador. (eds.). *Approaches to Conversion / Zero-derivation*. Münster: Waxmann, 2005.
- BORER, Hagit. *In Name Only: Structuring Sense*, Vol. I. Oxford: Oxford University, 2005.
- BRITO, Ana Maria. A nominalização do infinitivo no português europeu: aspectos sintáticos e semânticos. In: *Encontro Nacional da Associação Portuguesa De Linguística*, 2012, Lisboa. Textos selecionados. Lisboa: APL, pp. 88-120, 2013.
- BRESNAN, Jhon. Mixed categories as head sharing constructions. In: BUTT, M.; HOLLOWAY KING, T. (eds.), *Proceedings of the LFG97*. Conference, CSLI, 1997.
- CHOMSKY, Noam. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris Publications, 1981.
- CHOMSKY, Noam, *The Minimalist Program*. Cambridge, MA: MIT Press, 1995.
- CHOMSKY, Noam. Minimalist Inquiries: The Framework. In: MARTIN, R.; MICHAELS, D.; URIAGEREKA, J. (eds.). *Step by Step: Essays on Minimalist Syntax in Honor to Howard Lasnik*. Cambridge, MA: MIT Press, pp. 89-156, 2000.
- CHOMSKY, Noam. Derivation by Phase. In: KENSTOWICZ, M. (ed.) *Ken Hale: A life in language*. Cambridge, MA: MIT, pp. 1-52, 2001.
- CHOMSKY, Noam. LASNIK, Howard. *The Theory of Principles and Parameters*. *Syntax: An International Handbook of Contemporary Research*, pp. 506-69, 1993.
- COLLINS, Cris. A smuggling approach to the passive in English. *Syntax*, v. 8, n. 2, pp. 81-120, 2005.

- CORNILESCU, Alexandra. Romanian Nominalizations: case and aspectual structure. *Journal of Linguistics*, v. 37, pp. 367-501, 2001.
- DON, Jan. *Morphological Conversion*. Utrecht: Research Institute for Language and Speech, 1993.
- MIGUEL, Elena. Nominal Infinitives in Spanish: an Aspectual Constraint, Canadian. *Journal of Linguistics*, v. 41, n. 1. pp. 29-53.1996.
- GRIMSHAW, Jane. *Argument Structure*, Cambridge, Mass., The MIT Press. 1990.
- HALLE, Morris; MARANTZ, Alec. Distributed Morphology and the pieces of inflection. In: HALE, Ken; KEYSER, Samuel Jay. (eds.). *The view from Building 20*. Cambridge, MA: MIT Press, pp. 111-76, 1993.
- HALLE, Morris. Distributed Morphology: Impoverishment and Fission. In: *MIT Working Papers in Linguistics* v. 30, pp. 425-39, 1997.
- IORDĂCHIOAIA, Gianina. The interaction between nP and DP in nominalizations. In: HUANG, Hsin-Lun; POOLE, Ethan; RYSLING, Amanda (eds.), *Proceedings of the 43rd annual meeting of the North-East Linguistic Society (NELS)*, v. 1, pp. 179-90. Amherst, MA: GLSA, 2014.
- IORDĂCHIOAIA, Gianina. D and N are different nominalizers. *Glossa: a journal of general Linguistics* v. 5(1). n. 53, pp. 1-25, 2020.
- IORDĂCHIOAIA, Gianina. Categorization and nominalization in zero nominals. In: ALEXIADOU, Artemis; BORER, Hagit (eds). *Nominalization: 50 Years on from Chomsky's Remarks*. Oxford: Oxford University Press, January 2021.
- KRAMER, Ruth. *The morphosyntax of gender: evidence from Amharic*. Handout presented at the Yale Colloquium, 2011.
- KRATZER, Angelika. Severing the external argument from its verb. In: ROORYCK, Johan; ZARING, Laurie (eds.) *Phrase structure and the lexicon*. Dordrecht: Kluwer, pp. 109-37, 1996.
- LONGOBARDI, Giuseppe. Proper names and the theory of N-movement in syntax and logical form. *Linguistic Inquiry*, v. 25, pp. 609-65, 1994.
- LOWENSTAMM, Jean. On little n, $\sqrt{\quad}$, and types of nouns. In: HARTMANN, Jutta; HEGEDŰS, Veronika; RIMESDIJK, Henk van (eds). *Sounds of Silence: Empty Elements in Syntax and Phonology*. Amsterdam: Elsevier, pp. 105-44, 2008.
- MARANTZ, Alec. No scape from Syntax: Don't try morphological analysis in the privacy of your lexicon. In: DIMITRIADIS, Alexis; SIEGEL, Laura; SUREK-CLARK, Clarissa; WILLIAMS, Alexander. *Proceedings of the 21st Penn Linguistics Colloquium*. Philadelphia: UPenn Working Papers in Linguistics, pp. 201-25, 1997.
- PANAGIOTIDIS, Phoevos; GROHMANN, Kleantes. Mixed projections: categorial switches and prolific domains. *Linguistic Analysis* 36, pp. 141-61. 2009.
- PICALLO, Maria Carme. Nominals and nominalization in Catalan. *Probus*. Vol. 3, Issue 3, Pages 279-316, 1991.

RESENDE, Maurício Sartori. *A Morfologia Distribuída e as peças da nominalização: morfofonologia, morfossintaxe, morfossemântica*. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, 2020.

STOWELL, Tim. Subjects across categories. *The Linguistic Review*, v. 2, n. 3, pp. 285-312, 1982.

VILLALVA, Alina. Bare Morphology. *Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, v. 8, pp. 121-41, 2013.

TRAVIS, Lisa. *Parameters and effects of word order variation*. PhD dissertation. MIT, 1984.

VÁZQUEZ, Pérez. A Mixed Extended Projection: The Nominalized Infinitive in Spanish and Italian. *Quaderni del Laboratorio di Linguistica della Scuola Normal e Superiore di Pisa*, n. 14, pp. 143-59, 2002.